

Estado da publicação: O preprint foi publicado em outro meio.

DOI do preprint publicado: <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2025.v15.1453>

Viés de atribuição na cognição social: teorias, aplicações na psiquiatria e pesquisas no Brasil

Ana Carolina Marinho, Claudia Berlim de Mello, Tiago Fernando Figueiredo Santos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11629>

Submetido em: 2025-03-31

Postado em: 2025-04-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Viés de atribuição na cognição social: teorias, aplicações na psiquiatria e pesquisas no Brasil

Attribution bias in social cognition: theories, applications in psychiatry, and research in Brazil

Sesgo de atribución en la cognición social: teorías, aplicaciones en psiquiatría e investigaciones en Brasil

Artigo de revisão

Ana Carolina Soares Marinho- Universidade Federal de São Paulo, Brasil ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-8456-4545>

Tiago Fernando Figueiredo Santos- Instituto D'Or de Ensino e Pesquisa, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, ORCID:

<https://orcid.org/0000-0002-4369-268X>

Claudia Berlim de Mello- Universidade Federal de São Paulo, Brasil, ORCID:

<https://orcid.org/0000-0003-3953-3966>

Resumo

O viés de atribuição é um domínio essencial para a cognição social, influenciando como interpretamos eventos e comportamentos. Apesar de sua relevância, o viés de atribuição ainda carece de definições claras, dificultando a replicação de estudos e sua aplicação clínica. Sua relação com transtornos psiquiátricos necessita de uma maior exploração, e no Brasil, a escassez de pesquisas limita a adaptação de instrumentos e a compreensão de influências culturais. Este estudo tem como objetivo revisar criticamente as principais teorias, aplicações psiquiátricas e pesquisas sobre viés de atribuição, destacando sua relevância no Brasil. Foi realizada uma revisão narrativa baseada nos critérios do Scale for the Assessment of Narrative Review Articles (SANRA), buscando artigos nas bases Google Acadêmico, SciELO e PubMed. Foram considerados estudos empíricos, teóricos, revisões e literatura cinzenta sobre o tema. Os achados mostram estudos relacionando vieses de atribuição e transtornos como transtorno de personalidade borderline, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e psicose. No Brasil, as pesquisas são escassas e concentradas no contexto educacional, com déficits metodológicos. Além disso, destacamos a importância de diferenciar viés e estilo de atribuição uma vez que a confusão entre esses conceitos compromete a replicação de estudos e sua aplicação clínica. Estudos futuros podem contribuir para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e culturalmente sensíveis.

palavras-chave: cognição social, viés, brasil, transtornos mentais

Abstract

The attribution bias is a crucial domain of social cognition, influencing how we interpret events and behaviors. Despite its relevance, attribution bias still lacks clear definitions, making it difficult to replicate studies and apply findings clinically. Its relationship with psychiatric disorders requires further exploration, and in Brazil, the scarcity of research limits the adaptation of assessment tools and the understanding of cultural influences.

This study aims to critically review the main theories, psychiatric applications, and research on attribution bias, emphasizing its relevance in Brazil. A narrative review was conducted based on the Scale for the Assessment of Narrative Review Articles (SANRA) criteria, searching for articles in Google Scholar, SciELO, and PubMed. Empirical studies, theoretical papers, reviews, and gray literature on the topic were considered. Findings reveal studies linking attribution biases to disorders such as borderline personality disorder, attention-deficit/hyperactivity disorder, and psychosis. In Brazil, research is scarce and primarily focused on the educational context, with methodological limitations. Additionally, we highlight the importance of distinguishing between bias and attribution style, as confusion between these concepts hinders study replication and clinical application. Future studies may contribute to the development of more effective and culturally sensitive interventions.

key-words: social cognition, bias, brazil, mental disorders

Introdução

É comum que o ser humano normalmente seja tido como um ser racional, que têm suas decisões e julgamentos a partir de uma análise lógica, semelhante ao que seria o pensamento científico. No entanto, modelos mais novos do entendimento da cognição humana mostram que essa racionalidade está vulnerável a imprecisões [1], [2]. Se, em uma situação hipotética de uma epidemia que ameaçaria 600 pessoas, tivéssemos que escolher entre duas estratégias: uma que salvaria 200 pessoas com certeza, ou outra que teria um terço de chance de salvar todas as 600 pessoas, é provável que escolhêssemos a primeira. E foi isso que a teoria da perspectiva de Kahneman [3] mostrou, uma vez que a primeira opção oferece um resultado certo, evitando a incerteza e a possibilidade de perda total da segunda estratégia. Dessa forma, é ilustrada a tendência do ser humano de evitar riscos e preferir certezas, e esse pensamento intuitivo surge como um dos elementos centrais que marcam a cognição superior ou de natureza associativa. Assim, a cognição humana possui diversos mecanismos específicos que permitem a tomada de decisões e a condução de julgamentos de forma rápida e eficiente, mas que nem sempre funcionam, como é o caso das chamadas heurísticas e erros ou vieses cognitivos. Um desses vieses, é o chamado viés de atribuição [1].

A atribuição de estados mentais tem sido considerado um dos principais construtos relacionados com a cognição social e pode ser definida como a capacidade do indivíduo em elaborar hipóteses explicativas sobre a causa dos eventos, incluindo os resultados de interações sociais e os comportamentos de terceiros [4]. A atribuição de estados mentais é a função central da Mentalização e possui um papel crítico na compreensão dos significados das experiências sociais, possuindo um papel fundamental na modulação e ajustamento do comportamento social de acordo com os diferentes contextos interpessoais [2], [5]. Enquanto a cognição social envolve a percepção, interpretação e processamento de informações sociais, suas habilidades descrevem uma capacidade de atingir respostas adequadas - observando se um indivíduo possui déficits em determinado domínio, por exemplo- e são diferentes de vieses [6]. No modelo de

processamento de informação social proposto por Crick & Dodge [7], é descrito que as crianças enfrentam situações sociais com habilidades limitadas e memórias prévias, processando pistas para guiar seu comportamento. O modelo reformulado envolve seis etapas: codificação, interpretação, definição de objetivo, acesso à resposta, decisão e execução do comportamento. Nos passos 1 e 2 (codificação e interpretação das pistas sociais), propõe-se que as crianças prestem atenção seletiva a certas pistas situacionais e internas, codifiquem essas informações e as interpretem. A interpretação envolve diferentes processos, incluindo a representação mental personalizada das pistas, a análise causal dos eventos e a avaliação do porquê um objetivo foi ou não alcançado. A interpretação de situações sociais atribuindo intenções aos outros influencia as respostas uma vez que, se as crianças percebem uma ação como intencionalmente hostil, podem reagir de forma defensiva ou vingativa; se a veem como acidental, podem agir de forma conciliadora [7].

Segundo Buck et al [8] os vieses no processamento da informação social não representam respostas certas ou erradas necessariamente, mas tendem a traduzir o estilo de resposta que o indivíduo tende a ter. Assim, apesar de estudarmos o domínio "viés de atribuição", podemos observar diferentes formas que ele é manifestado. Estilos de atribuição mal adaptativos podem estar relacionados a baixa-autoestima e funcionamento psicossocial pobre, enquanto estilos adaptativos podem estar associados a fatores protetivos [4].

Ainda, embora tenha sido amplamente estudado, o viés de atribuição ainda possui problemas no que diz respeito à convergência de conceitos usados, o que dificulta a replicação de pesquisas, a comunicação efetiva e até impactos na prática clínica. É importante distinguir estilo e viés de atribuição. Entendemos que estilo é uma tendência de atribuir causalidade ao outro e a si mesmo, existencialmente construído em relações de apego, e modulado pela exposição contínua em experiências culturais, interativas. Já o viés de atribuição representa uma alteração nesse estilo, influenciado por fatores que modificam a percepção da causalidade.

Também, apesar desse viés ter sido estudado em algumas condições e transtornos psiquiátricos como a esquizofrenia e o transtorno de personalidade borderline [4], [9], poucas são as

revisões que reúnem esses achados. Dessa forma, é gerada uma dificuldade na identificação de padrões transdiagnósticos e limitação do desenvolvimento teórico e prático do tema.

Por fim, assim como outros domínios da cognição social, o viés de atribuição está estreitamente relacionado a fatores culturais [2]. Apesar disso, poucos estudos sobre a temática são descritos em um contexto brasileiro o que leva a uma falta de adaptação de instrumentos adequados para avaliação desse viés e de uma generalização culturalmente sensível das teorias já descritas.

Dessa forma, esta revisão narrativa foi conduzida com o objetivo de preencher essas lacunas revisando de forma crítica e integrativa as principais teorias, aplicações e pesquisas sobre o viés de atribuição na cognição social, com ênfase nas contribuições brasileiras. Assim, para guiar essa revisão, três perguntas centrais orientam a discussão: (1) Quais são as principais teorias e tipos de vieses/estilos de atribuição, e como eles influenciam a cognição social? (2) Como o viés de atribuição se manifesta em aplicações práticas? (3) Quais são as lacunas nas pesquisas sobre o viés de atribuição no Brasil, e que direções podem ser propostas para estudos futuros? Ao responder a essas perguntas, este artigo não apenas sintetiza o conhecimento atual, mas também oferece insights para futuras investigações e intervenções baseadas em evidências.

Método

Com o intuito de melhorar a qualidade dessa revisão, nos baseamos na ferramenta de avaliação crítica para artigos não sistemáticos Scale for the Assessment of Narrative Review Articles (SANRA) ou Escala para a Avaliação de Artigos de Revisão Narrativa [10]. Para tanto, foram utilizados os bancos de dados Google Acadêmico, Scielo e PubMed. A busca foi realizada sem restrições de data ou idioma, visando incluir o maior número possível de estudos relevantes. Os termos de busca incluíram combinações das seguintes palavras-chave: "social cognition", "attributional bias" e "attribution style". Além disso, foi incluído o termo específico "Brazil" para identificar pesquisas realizadas no Brasil. Os critérios de inclusão para a seleção dos estudos foram: Artigos que abordassem o viés de atribuição como tema central ou relevante; estudos empíricos, teóricos, revisões e literatura cinzenta que contribuíssem para

o entendimento do viés de atribuição na cognição social; pesquisas realizadas no Brasil ou que discutissem o contexto brasileiro. Após a busca inicial, os resumos dos artigos foram lidos para verificar a adequação ao tema da revisão. Em seguida, os artigos selecionados foram lidos na íntegra, e os dados relevantes foram extraídos e organizados de forma narrativa, com foco nas principais teorias, aplicações e pesquisas sobre o tema, com um foco no Brasil.

Resultados e Discussão

Os estilos de atribuição

A teoria da atribuição tem como objetivo explicar processos perceptuais e sugere que os indivíduos entendem os fenômenos sociais a partir de inferências sobre a causa dos eventos [11], o que nos ajuda a entender o funcionamento dos estilos de atribuição. Por exemplo, estímulos ativos, intensos e negativos são mais usados que estímulos passivos e neutros ao se fazer uma inferência social [11]. Ainda, durante conflitos, comportamentos negativos tendem a ser atribuídos ao parceiro, enquanto comportamentos positivos tendem a ser atribuídos a si mesmos [12]. Além disso, podemos considerar 3 dimensões causais para classificar as atribuições: a estabilidade; a controlabilidade; e a globalidade. A estabilidade se refere a se o indivíduo interpreta as causas da situação de maneira estável e permanente ou temporária e variável; a controlabilidade diz respeito a se as causas podem ou não ser influenciadas pelo indivíduo; e a globalidade entende-se como se a causa é específica de uma situação ou global [13].

O papel dos estilos de atribuição também é importante quando se fala de estigmas relacionados a um contexto de saúde, considerando que esse estilo pode mudar. É possível que quando uma condição ou doença é vista como tendo uma causa incontrolável, são induzidas emoções relativas à pena, o que aumenta comportamentos pró-sociais [2]. Um exemplo disso é mostrado em alguns estudos que abordam atitudes e preconceitos relacionados à obesidade, que propõe que atribuições de causalidade interna à obesidade - como falta de força de vontade levam a uma maior estigmatização [14], [15]. Assim, campanhas públicas que reforçam comportamentos individuais como causa da obesidade, contribuem com esse estigma [16]. Dessa mesma forma, os estilos de atribuição

também tem grande influência cultural, nesses estudos foi observado que as atitudes em relação a obesidade variam entre culturas, pois enquanto culturas mais individualistas dão maior ênfase a responsabilidades individuais, nas mais coletivistas isso difere [14], [15].

Os vieses de atribuição

Já os vieses de atribuição acontecem quando uma pessoa faz inferências sobre os comportamentos com base em um uso excessivo ou insuficiente das informações disponíveis de forma sistemática [13]. Segundo Turner & Hewstone [13], existem 3 tipos de vieses de atribuição bem documentados: o viés de correspondência, o viés ator-observador e o auto serviço. O viés de correspondência diz respeito ao comportamento ser frequentemente visto como um reflexo do estado interno do agente social, mesmo quando ele ocorre por motivos situacionais (acaso). Por outro lado, o viés agente-observador se refere a quando o indivíduo entende que o comportamento do outro é ocasionado por causas internas, e quando o próprio comportamento tem causas externas. Por fim, o viés de autosserviço acontece a partir da tendência de atribuição causal interna ao próprio sucesso e causas externas ao próprio fracasso [13]. Além disso tudo, os indivíduos também podem apresentar o que chamamos de viés de atribuição de personalização [17]. O viés de personalização indica a proporção de atribuições externas para eventos negativos que são pessoais em vez de situacionais, ou seja, a tendência a atribuição de intenção a outra pessoa ao invés de fatores circunstanciais ou situacionais [17], [18], [19]. Ainda, quando essa intenção negativa é interpretada como hostil, ela é chamada de viés hostil de atribuição [17]. Pessoas com atribuição hostil podem apresentar um viés intencional hiperativo, em que elas inferem mais intencionalidade também em situações ambíguas. Dessa forma, indivíduos com um maior viés intencional podem precisar de mais dicas sociais que outras pessoas para inibir a interpretação intencional automática [20].

Também, vemos atribuições e vieses de caráter intergrupais e uma parte fundamental do viés de atribuição intergrupais diz respeito ao locus de causalidade – podendo ser de origem causal interna ou externa. Uma atribuição interna é

sobre uma causa interna a uma pessoa (personalidade, humor, habilidades, atitude, esforço), enquanto a origem causal externa se refere a uma causa externa à pessoa (acaso, ação do outro, natureza, pressão social, sorte) [13]. Pettigrew [21] propôs o "erro último de atribuição", um viés sistemático nas atribuições intergrupais influenciado pelo preconceito. Ele expande o "erro fundamental de atribuição" (a tendência de superestimar fatores pessoais e subestimar fatores situacionais) para interações entre grupos [22]. Quando um membro do exogrupo realiza um ato negativo, há maior tendência de atribuí-lo a causas internas. Já um ato positivo é explicado de formas que minimizam seu impacto, como sendo um caso excepcional, sorte, esforço incomum ou contexto manipulável [22]. Pettigrew destacou que esse erro é mais forte em indivíduos preconceituosos, ocorre mais quando a identidade grupal está salientada e se intensifica em situações de conflito entre grupos [21], [22].

Além de influenciar a percepção de estigmas em diferentes contextos de saúde [2], a forma que atribuímos causalidade aos eventos também está associada a características individuais e a condições psicológicas específicas. Um exemplo é o caso dos resultados mostrados na metanálise de Verhoef, Alsem, Verhulp e De Castro [23] relacionando um viés hostil intencional e a agressividade em crianças. Ainda, Edwards & Bond [24] mostrou que baixos escores no domínio de clareza de autoconceito previam atribuições hostis e a acessibilidade de roteiros sociais agressivos. A clareza de autoconceito diz respeito à extensão em que as crenças sobre nós mesmos são bem definidas e estáveis, e tanto dificuldades nesse domínio quanto a agressividade podem ser características de condições como o Transtorno de Personalidade Borderline [24], [25].

Assim, ressalta-se a diferença entre estilos e vieses de atribuição: enquanto o estilo se desenvolve a partir das relações de apego e da cultura, o viés surge como uma modificação temporária dessa tendência, influenciado por fatores específicos.

Viés na Psiquiatria

Segundo o estudo de Anupama et al [26], pacientes com TPB possuem um viés de atribuição marcado por uma

tendência a atribuir eventos negativos a pessoas, ao invés de a situações, o que poderia explicar a maior quantidade de julgamentos negativos a respeito de sua família por parte dos pacientes com TPB, relatado no estudo de Gunderson & Lyoo [27]. Além disso, outro estudo sugere que pacientes com TPB podem fazer atribuições intencionais mais complexas de ações dos outros, no entanto, expressam representações mais malevolentes a respeito dos outros [28]. No estudo de Schulze [4] foi observado que para eventos negativos, pacientes com TPB mostraram um estilo de atribuição mal adaptativo, marcado por atribuições internas, estáveis e globais, além de terem a tendência de generalizar a causa de forma mais forte ao longo do tempo e em diferentes situações. Já em eventos positivos, pacientes com TPB atribuíram a causa dos eventos a outras pessoas ou circunstâncias, diferentemente do grupo controle que atribuiu a si mesmo [4].

Também foram realizados estudos sobre estilo/viés de atribuição no contexto de outros transtornos psiquiátricos, como os psicóticos. Segundo a pesquisa de Monfort-Escrig et al. [9] quando comparado a um grupo não clínico, indivíduos com psicose mostram um aumento em um estilo de atribuição negativo e pessimista. Além disso, a tendência de ver eventos da vida como o resultado de causas imprevisíveis e instáveis que melhor prevê a severidade dos sintomas positivos, bem como esse estilo de atribuição instável está associado à predominância de sintomas negativos [9]. Além disso, pacientes paranoicos tendem a fazer menos atribuições situacionais para eventos negativos e mais atribuições de culpa para um outro indivíduo- viés de personalização, no entanto, é possível que existam mudanças no estilo de atribuição desses pacientes a depender do estágio da doença em que se encontram (mesmo que o viés de personalização não mude) [9].

Por outro lado, ao investigar um viés de atribuição hostil em adolescentes com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, Sibley et al [29] observou que o grupo alvo não diferiu do grupo controle em relação às altas taxas dessa atribuição, esse resultado foi diferente de pesquisas anteriores feitas com crianças. Os autores acreditam que esse achado pode estar relacionado ao período de vida em que os indivíduos se encontram, assim, a tendência de enxergar hostilidade

nessa fase pode ser uma reação adequada a um ambiente social marcado por frequentes situações de ameaça [29]. Assim, ao considerarmos o ambiente em que o investigado está inserido, é reforçado o caráter do viés de atribuição como um estilo de resposta e não simplesmente como um déficit a ser adequado. Se em determinado ambiente um viés de atribuição hostil é considerado inadequado, em outro pode ser adaptativo.

Viés de atribuição no Brasil

No Brasil, apesar da escassez de estudos realizados no contexto da teoria da atribuição, vemos pesquisas relativas a esse domínio no contexto escolar. Assim, pensando nas causas atribuídas pelos professores ao fracasso e sucesso escolar dos alunos, o estudo de Kaulfuss & Boruchovitch [30] teve como objetivo explicitar essas causas. Foi observado que professores com mais de 50 anos atribuem a causa dos sucessos dos alunos a eventos incontroláveis em comparação com as demais faixas etárias. Além disso, também foi visto que professores com maior tempo de atuação atribuem causas internas e instáveis ao sucesso dos alunos quando comparados a professores com menor tempo de atuação [30].

Ainda no contexto escolar, o segundo e último estudo achado que aborda o viés de atribuição no contexto brasileiro é o de Ferreira et al. [31]. Assim como o estudo de Kaulfuss & Boruchovitch [30], essa pesquisa também teve como objetivo investigar as causas atribuídas ao sucesso e fracasso escolar, no entanto, dessa vez, por parte dos próprios alunos- incluindo estudantes brasileiros, argentinos e mexicanos. Observou-se que os alunos de todas as nacionalidades atribuíam com maior frequência o esforço para explicar seu sucesso, semelhante a causa explicativa do próprio fracasso escolar. No entanto, também foi observado que argentinos e mexicanos atribuíam "esforço" como causa do fracasso mais vezes que os brasileiros. Também, de forma semelhante, foi atribuída a causa de um bom e mau desempenho escolar de alunos de outro tipo de escola e de outra nacionalidade- ao esforço, assim, podemos observar a predominância do uso de causas explicativas internas em todas as atribuições [31].

Por um lado, o instrumento utilizado para avaliar a atribuição no estudo de Kaulfuss & Boruchovitch [30] foi construído e validado especificamente para a população

brasileira, no entanto, a “Escala de atribuição de causalidade para sucesso e fracasso de professores” não foi publicada. Por outro lado, o questionário mencionado na metodologia do estudo de Ferreira et al. [31] não foi referenciado e nem exemplificado, o que prejudicaria a análise e reprodutibilidade do estudo. Assim, os poucos estudos relativos ao viés de atribuição realizados em um contexto brasileiro, além de só abordarem questões escolares, possuem limitações importantes relativas aos instrumentos utilizados.

Conclusão

Essa revisão investigou questões fundamentais relacionadas aos vieses e estilos de atribuição considerando sua importância e problemáticas para a pesquisa e prática clínica na psiquiatria. Em primeiro lugar, certas questões conceituais quando não bem compreendidas podem resultar em um uso equivocado dos termos “vieses” e “estilos de atribuição” como sinônimos. Assim, uma das consequências potenciais é o erro de interpretação das observações. A compreensão de estilos e vieses de atribuição se mostra particularmente útil para o entendimento da expressão de sintomas. Com isso, para pensar na atribuição como adaptativa é essencial considerar o ambiente vivencial do indivíduo, reforçando a forma de atribuição como resposta e não déficit. Além disso, no Brasil, a escassez de estudos sobre viés de atribuição limita a compreensão desse processo no contexto nacional, restringindo a adaptação de instrumentos e a aplicação de intervenções culturalmente adequadas. Diante disso, futuras pesquisas devem expandir a investigação desse domínio em diferentes populações e contextos para o desenvolvimento de abordagens clínicas culturalmente sensíveis. Assim, ao compreender melhor os vieses e estilos de atribuição, podemos avançar na promoção de estratégias personalizadas para a redução de atribuições mal adaptativas, o que tem implicações tanto para a saúde mental quanto para as interações sociais.

Conflito de Interesse:

Todos os autores declaram não ter qualquer potencial conflito de interesse relacionado ao presente artigo.

Contribuições de autoria:

Ana Carolina Soares Marinho- Conceitualização, curadoria de dados, análise de dados, pesquisa, metodologia, administração do projeto, redação - revisão e edição

Tiago Fernando Figueiredo Santos- supervisão, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição

Claudia Berlim de Mello- supervisão, redação do manuscrito original, redação - revisão e edição

Referências

- [1] R. Pilati, *Ciência e pseudociência: por que acreditamos naquilo em que queremos acreditar*. Editora Contexto, 2018.
- [2] D. Banerjee, C. Gidwani, e R. Tss, "The role of 'Attributions' in social psychology and their relevance in psychosocial health: A narrative review", *Indian J. Soc. Psychiatry*, vol. 36, p. 277–283, jan. 2021, doi: 10.4103/ijsp.ijsp_315_20.
- [3] D. Kahneman, "A perspective on judgment and choice: Mapping bounded rationality", *Am. Psychol.*, vol. 58, nº 9, p. 697–720, 2003, doi: 10.1037/0003-066X.58.9.697.
- [4] A. Schulze *et al.*, "Attributional style in Borderline personality disorder is associated with self-esteem and loneliness", *Borderline Personal. Disord. Emot. Dysregulation*, vol. 11, p. 19, ago. 2024, doi: 10.1186/s40479-024-00263-2.
- [5] T. Figueiredo e T. Mecca, *Cognição Social: Um guia para a compreensão das bases do comportamento social*. 2024.
- [6] B. Buck, J. Browne, E. C. Gagen, e D. L. Penn, "Hostile attribution bias in schizophrenia-spectrum disorders: narrative review of the literature and persisting questions", *J Ment Health*, vol. 32, nº 1, p. 132–149, jan. 2023, doi: 10.1080/09638237.2020.1739240.
- [7] N. R. Crick e K. A. Dodge, "A review and reformulation of social information-processing mechanisms in children's social adjustment", *Psychol. Bull.*, vol. 115, nº 1, p. 74–101, 1994, doi: 10.1037/0033-2909.115.1.74.
- [8] B. Buck, J. Browne, E. C. Gagen, e D. L. Penn, "Hostile attribution bias in schizophrenia-spectrum disorders: narrative review of the literature and persisting questions", *J Ment Health*, jan. 2023, Acesso em: 6 de março de 2025. [Online]. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09638237.2020.1739240>
- [9] C. Monfort-Escrig, J. Pena-Garijo, C. Monfort-Escrig, e J. Pena-Garijo, "Los estilos atribucionales y el funcionamiento social en la esquizofrenia. ¿Es adecuado el modelo de la indefensión aprendida?", *Clínica Salud*, vol. 32, nº 1, p. 7–14, 2021, doi: 10.5093/clysa2020a21.
- [10] C. Baethge, S. Goldbeck-Wood, e S. Mertens, "SANRA—a scale for the quality assessment of narrative review

- articles", *Res. Integr. Peer Rev.*, vol. 4, nº 1, p. 5, mar. 2019, doi: 10.1186/s41073-019-0064-8.
- [11] D. J. Canary e B. H. Spitzberg, "Attribution biases and associations between conflict strategies and competence outcomes", *Commun. Monogr.*, vol. 57, nº 2, p. 139–151, jun. 1990, doi: 10.1080/03637759009376191.
- [12] T. N. Bradbury e F. D. Fincham, "Attributions in marriage: Review and critique", *Psychol. Bull.*, vol. 107, nº 1, p. 3–33, 1990, doi: 10.1037/0033-2909.107.1.3.
- [13] R. Turner e M. Hewstone, "Turner, R. N., & Hewstone, M. (2010). Attribution biases. In J. Levine, & M. Hogg (Eds.), *Encyclopedia of Group Processes and Intergroup Relations*. Thousand Oaks, CA: Sage.", 2010.
- [14] C. S. Crandall, S. D'Anello, N. Sakalli, E. Lazarus, G. Wieczorkowska, e N. T. Feather, "An Attribution-Value model of prejudice: Anti-fat attitudes in six nations", *Pers. Soc. Psychol. Bull.*, vol. 27, nº 1, p. 30–37, 2001, doi: 10.1177/0146167201271003.
- [15] C. S. Crandall e R. Martinez, "Culture, Ideology, and Antifat Attitudes", *Pers. Soc. Psychol. Bull.*, vol. 22, nº 11, p. 1165–1176, nov. 1996, doi: 10.1177/01461672962211007.
- [16] C. Luck-Sikorski, S. G. Riedel-Heller, e J. C. Phelan, "Changing attitudes towards obesity - results from a survey experiment", *BMC Public Health*, vol. 17, nº 1, p. 373, maio 2017, doi: 10.1186/s12889-017-4275-y.
- [17] S. T. Harris, C. Oakley, e M. M. Picchioni, "A systematic review of the association between attributional bias/interpersonal style, and violence in schizophrenia/psychosis", *Aggress. Violent Behav.*, vol. 19, nº 3, p. 235–241, maio 2014, doi: 10.1016/j.avb.2014.04.009.
- [18] P. Kinderman e R. P. Bentall, "A new measure of causal locus: The Internal, Personal and Situational Attributions Questionnaire", *Personal. Individ. Differ.*, vol. 20, nº 2, p. 261–264, 1996, doi: 10.1016/0191-8869(95)00186-7.
- [19] K. Berry, S. Bucci, P. Kinderman, R. Emsley, e R. Corcoran, "An investigation of attributional style, theory of mind and executive functioning in acute paranoia and remission", *Psychiatry Res.*, vol. 226, nº 1, p. 84–90, mar. 2015, doi: 10.1016/j.psychres.2014.12.009.

- [20] E. Rosset, "It's no accident: Our bias for intentional explanations", *Cognition*, vol. 108, n° 3, set. 2008, doi: 10.1016/j.cognition.2008.07.001.
- [21] T. F. Pettigrew, "The ultimate attribution error: Extending Allport's cognitive analysis of prejudice", *Pers. Soc. Psychol. Bull.*, vol. 5, n° 4, p. 461-476, 1979, doi: 10.1177/014616727900500407.
- [22] M. Hewstone, "The 'ultimate attribution error'? A review of the literature on intergroup causal attribution", *Eur. J. Soc. Psychol.*, vol. 20, n° 4, p. 311-335, 1990, doi: 10.1002/ejsp.2420200404.
- [23] R. E. J. Verhoef, S. C. Alsem, E. E. Verhulp, e B. O. De Castro, "Hostile Intent Attribution and Aggressive Behavior in Children Revisited: A Meta-Analysis", *Child Dev.*, vol. 90, n° 5, p. e525-e547, 2019, doi: 10.1111/cdev.13255.
- [24] R. Edwards e A. J. Bond, "Narcissism, self-concept clarity and aggressive cognitive bias amongst mentally disordered offenders", *J. Forensic Psychiatry Psychol.*, vol. 23, n° 5-6, p. 620-634, out. 2012, doi: 10.1080/14789949.2012.715180.
- [25] APA, "Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: Fifth Edition Text Revision DSM-5-TR™", 2022.
- [26] V. Anupama, P. Bhola, J. Thirthalli, e U. M. Mehta, "Pattern of social cognition deficits in individuals with borderline personality disorder", *Asian J. Psychiatry*, vol. 33, p. 105-112, mar. 2018, doi: 10.1016/j.ajp.2018.03.010.
- [27] J. G. Gunderson e I. K. Lyoo, "Family problems and relationships for adults with borderline personality disorder", *Harv. Rev. Psychiatry*, vol. 4, n° 5, p. 272-278, 1997, doi: 10.3109/10673229709030553.
- [28] D. Westen, N. Lohr, K. R. Silk, L. Gold, e K. Kerber, "Object relations and social cognition in borderlines, major depressives, and normals: A Thematic Apperception Test analysis", *Psychol. Assess. J. Consult. Clin. Psychol.*, vol. 2, n° 4, p. 355-364, 1990, doi: 10.1037/1040-3590.2.4.355.
- [29] M. H. Sibley, S. W. Evans, e Z. N. Serpell, "Social Cognition and Interpersonal Impairment in Young Adolescents with ADHD", *J. Psychopathol. Behav. Assess.*, vol. 32, n° 2, p. 193-202, jun. 2010, doi: 10.1007/s10862-009-9152-2.
- [30] M. A. Kaulfuss e E. Boruchovitch, "Atribuições causais de

professores para o sucesso e o fracasso em ensinar”, *Psicol. Esc. E Educ.*, vol. 20, p. 321–328, ago. 2016, doi: <https://doi.org/10.1590/2175-353920150202974>.

- [31] M. C. Ferreira *et al.*, “Atribuição de causalidade ao sucesso e fracasso escolar: um estudo transcultural Brasil-Argentina-México”, *Psicol. Reflex. E Crítica*, vol. 15, p. 515–527, 2002, doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000300006>.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.